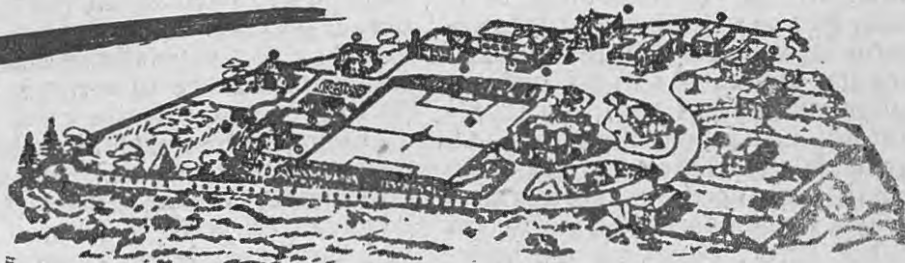




Visado pela  
Comissão de Censura

# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X \* N.º 242 \* PREÇO 1500

## UMA ENTREGA

Eu não tenho ido. Não faço falta nenhuma nas inaugurações das casas do Património, mas a Mirandela fui. Quis ver. É para lá dos montes. Outras gentes. Outros costumes. Quis ver e fui.

Estava o senhor Bispo de Bragança. À hora marcada, começa o povo a chegar. Era uma pequenina Nossa Senhora do Amparo, de tantos homens e tantas mulheres e crianças! Estavam os ocupantes. O senhor Bispo recebe as chaves das mãos de um neto de Manuel Menéres, que esse dia fez a sua primeira comunhão. Era domingo do Espírito Santo...

Eu já tinha ocupado os meus olhos num grande penedo, aonde gravaram Património dos Pobres. E tendo perguntado quantas, disseram-me que setenta são as oliveiras agora plantadas, para dar, a seu tempo, o adubo dos habitantes! O terreno é extenso e fica no coração da vila. Muito deve ter gozado naquela hora o senhor Manuel Pinto de Azevedo, ali presente...

Agora veio a minha vez. Para a casa número um, entra uma família de sete; pais e cinco filhos. Ele é cego. Tomo-o pela mão e vou-lhe dizendo da minha dor, por ele não ter olhos. Tanta beleza! Usando dos outros sentidos, digo-lhe que escute, enquanto abro a torneira e deixo cair água na banca da cozinha. Dali, levo-o comigo à casa de banho e faço na mesma. O chuveiro jorra. É água! O ceguinho põe as mãos e chora. Abro as portas dos quartos de dormir e enumero os objectos. Tomo as suas mãos e faço que ele toque: camas, roupas, cómoda, cadeiras, candeeiro, um castiçal com sua vela! Digo do sol, a entrar por janelas rasgadas. O ceguinho põe as mãos e chora. Dali fomos à cozinha. Explico que está ali a mesa posta com sete talheres completos. De novo lhe peço nas mãos para ele tocar num presunto (!) dois queijos, quatro garrafas de azeite, mercearia, paus de sabão, um ferro de engomar, vassoiras, abanadores, um saleiro cheio de sal. Um saco de batatas. Lenha. Vou dizendo. Vou explicando. O ceguinho põe as mãos e declara: isto é por Deus. Isto é tudo por Deus.

Ora aqui temos. Foi sempre

## NÓS NO COLISEU

Mais uns dias e lá estaremos; é na noite do dia 18. Espera-se uma enchente, como a do ano passado.

O Zé Eduardo, vai pelo Lar de Coimbra. O Carlos Inácio, pelo de S. João da Madeira. Aparece alguém do Lar de Lisboa. Um outro da Casa do Tojal. Ainda um outro da Casa de Miranda. O Manel Risonho diz do Lar do Porto. Imediatamente segue-se a enxurrada de Paço de Sousa, com vários oradores de categoria e o orfeão do Sejaquim e o Pombinha nas castanhetas e a loja do Mestre André e o mais que se verá. Temos depois um intervalo para o cigarro e troca de impressões e o cafezito e agora vamos ao melhor da festa: o Património dos Pobres. Aparece em grande fundo a nota de casas já feitas, em dez distritos de Portugal. Aparece o Carvalhido e Miragala e Campanhã, aonde delas e delas se vão erguer. O Hélio produzirá um grande discurso a este respeito. Um Padre da Rua também. E no fim vamo-nos todos embora. Atenção às capas...

O locutor deste ano é o mesmo do ano passado. Os senhores estejam todos a horas para sairmos todos a horas. Ninguém terá tempo de se aborrecer. Ninguém de se arrepender. Ninguém que não suspire. Até lá se faz favor.

## RECORTE

DO MENSÁRIO  
«À SOMBRA DE S. DOMINGOS»

«Levantaram-se, pois, organizaram o seu cortejo, cobriram-se de mantos de ouro e púrpura, cingiram suas reais coroas e, guiados por essa estrela, marcharam à procura do Messias. Eram ricos os Reis, mas jorram na terra aqueles riquíssimos mantos de ouro diante da pobreza daquela pobre criança! A riqueza a «rastejar» diante da pobreza!

É para ti, leitor rico, esta lição. Põe diante de ti os pobres que desfalecem e responde-me: Serão esses mais pobres que o divino Pobre do Presépio? Serás tu mais rico que esses ricos sábios do Oriente? E se não és, porque não te «ajoelhas» também tu diante dos pobres para os ajudares com algo da tua riqueza? A riqueza do rico existe para a pobreza do pobre. Repara também tu, ó sábio que me lês: o quadro é também

da boca dos humildes e dos inocentes que saiu o verdadeiro louvor a Deus. Ninguém, como eles, sabe dar glória a Deus. Isto é por Deus.

Mirandela abriu a porta à obra do Património; três casas. A Família Menéres ensinou como se faz. Um presunto! Jamais vi na minha vida a inteligência servir tão bem a causa dos Pobres — jamais!

lição para ti. Serás tu mais sábio que estes sábios do Oriente? E se não és, porque não pões a tua ciência, o teu génio, as tuas faculdades, ao serviço dos pobres? Não receies perder a tua dignidade de homem de ciência.

A lição é também para ti, ó rei, ó chefe da nação, ó homem de poder. Já reparaste, que eram reis os Magos do Oriente? Só serás homem de valor quando desceres do «trono» de chefe para auxiliar o pobre. Estás aí para isso mesmo. Nunca o homem é tão poderoso como quando desce e ajoelha aos pés da pobreza! Cristo, por ser Cristo e Mestre, deu o exemplo.

Pudesse eu ter a divina força do Mestre e eu gritar-te-ia, ó leitor, que a ciência o poder, a riqueza, só estão no seu lugar quando ao serviço da pobreza. Quadro de Maria vilha, este quadro da adoração dos Magos do Oriente...

E foi para ti leitor de boa vontade, que o Divino artista o pintou! Guarda e medita...

PROPAGAI

«O Gaiato»

## Do que nós necessitamos

Mais 50\$ de Lisboa. Mais outro tanto de Arraiolos. Mais 40\$ de Ilhavo. Mais tudo quanto vai ter ao Espelho da Moda; coisas e dinheiro. Mais 129\$80 de Lisboa. Mais 100\$. Mais 2\$ de Gouveia. Mais 50\$ de uma vicentina. Mais o dobro de Leiria. Mais 20\$ do Porto. Outro tanto idem. Mais 100\$ de Belém. Mais 5\$ do Porto. Mais 20\$. Mais 100\$ de Gavião. Outro tanto de Braga. O dobro de Coimbra. Mais 20\$ do Porto. Mais 50\$ idem. Mais 50\$ do Risonho de Lisboa. Mais de Pinhel, 140\$. (No próximo número conto ser capaz de dizer algo acerca do doente). Mais a mesma quantia de Oliveira de Azeméis. Mais 20\$. Mais 300\$ de Lisboa. Mais 100\$ da Bira Baixa. Mais uma nota de 100\$ para a parálitica. Mais 50\$ de Guimarães. Mais 100\$ de Lisboa para duas viúvas. Mais outro tanto da Lousã. Mais 20\$ pela elevação do professorado primário, para que com ele se eleve o Portugal de amanhã. Mais 100\$ de uma viúva. Mais 20\$ de Leiria. Mais 200\$ do Porto. Mais tudo quanto vai ter ao Lar do Porto. Mais 20\$ de Lisboa. Mais 50\$ de Tomar. Mais 20\$ de Lisboa. Mais de Coimbra 100\$—«Sim». Mais metade de uma Mãe. Mais 20\$. Mais 100\$. Mais 20\$ do Serralheiro. Mais 50\$ do Val da Pedra. Mais 20\$ de Anadia. Outro tanto de Abrantes. O mesmo da Freguesia da Foz. Roupas de Lourenço Marques. O mesmo de outros pontos da Província de Moçambique. Nós mantemos uma grande correspondência com as duas províncias, Moçambique mais. A tal ponto que por vezes o número de cartas de Além confunde-se com o de Aquém. Mais uma que em vésperas de ser mãe, manda um enxoval para outra mãe pobre. I to é do Porto. Mais 250\$ de Lisboa. Mais 20\$ do Porto. De Famalicão 50\$. Alguém que muito tem sofrido e sente a necessidade de fazer qualquer coisa que lhe conforte a alma, manda 20\$. É de Lisboa. Esta doutrina é exacta. Mais 250\$ do Porto. Mais 20\$ de Espinho. Mais 500\$, primeira remessa de alguns funcionários da Caixa Textil. Mais 320\$ de Lisboa. Mais 100\$ de Setúbal. Outro tanto do Porto. 500\$ de Santo Tirso. 50\$ de Lisboa. 300\$ da Feira. Uma subscrição entre o pessoal do Banco Borges & Irmão rendeu 405\$. Mais 20\$ do Estoril. 100\$ de Lisboa. Mais 50\$. Mais 100\$ de Moçambique. Mais 20\$ de Lisboa. Mais 12\$. de Gouveia. E por hoje ponto final.

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Ontem fomos por aí abaixo abrir os caboucos da Casa da *Minerva Central*, Lourenço Marques, que se vai erguer na freguesia de Eixo. Eram 9 quando saímos da aldeia. As dez e que estávamos em Espinho. As 11 viramos passar em Estarreja. Ao fundo da povoação seguinte, cortamos à esquerda e agora vai o Vouga mais nós, até à porta do senhor Prior. Ninguém me esperava, mas no fim do almoço e quando saímos para o local onde a casa vai ser, estavam as crianças das escolas, professores à frente, com flores e tostões. Muito de tudo. Presidente da Junta, médico, outros senhores; — eram dois carros. Ao passarmos junto a um bosque oíço dizer *é do Magalhães Lima*. Gostaria de entrar, ver, gozar. Tão raros hoje os bosques! Dois minutos e temos à vista o terreno. Dá para muitas casas com seus quintais. É lavado dos ventos, coberto de sol, rodeado de pinheiros. Passa a estrada. Há visinhos. Tudo na marca. Estavam os da futura comissão. Demos as linhas mestras. Rapo do livro de cheques e nos ombros do Prior encho um de doze contos. Como um dos presentes fosse empregado dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques, em férias, a regressar em Agosto próximo, eu levanto a voz e recomendo; é preciso que ele, antes de partir, veja e toque e fale com os futuros habitantes da futura casa e mal chegue à Ponte Cais vá direitinho à *Minerva* dar testemunho aos interessados.

Toda a vida se ouviu dizer em Lourenço Marques, que o *Carvalhinho da Minerva* quer rilhar os padres. Ora estando eu ali o ano passado, o Sebastião não me largava: *o meu irmão quer reunir toda a família e oferecer-te um jantar*. Fui. Eramos mais de 60, todos do sangue do Fundador da Casa. Muito apetite. Muita saúde. Um grande à vontade. Família. E um cheque de doze contos. O *perseguidor* dos padres, andou sempre comigo, nos dias que ali demorei! Aonde eu fosse era ele! O irmão, segredava-me — *tu não sabes o que estás a fazer ao meu irmão...* Uma vez chegado a Casa, aí vem carta do dito, (e que carta!) aonde mostra o desejo de ser edificada na sua terra natal a casinha do *Património*, e que deseja tomar à sua conta o encargo de vestir e alimentar os moradores; e que a mobília também há-de ser do seu bolso. E mais e mais e mais. O tal que dizem querer rilhar os padres!

Se tivéssemos ido a votos, eu não teria ido jantar naquela tarde, aos Irmãos da *Minerva Central*; não teria. Os *ortodoxos* não achariam bem. Mas eu pergunto: como havemos de fazer nossos, os nossos?! Quem nos pode afastar, se, na verdade, todos somos de Cristo?! De resto, amanhã, na nossa morada aonde tudo é luz e justiça, havemos de compreender a poeira, que neste mundo se faz, por ignorância das coisas eternas. Ali cessa tudo e fica sômente a Caridade.

No próximo número, darei conta da minha viagem a Geraz do Lima, de muito interesse para alguém de Lourenço Marques. Aqui se dirá.

*É preciso que seja fácil construir as mil*, diz o Engenheiro da Hidráulica. Sim. É. Mas eu quero mais. Eu digo que é preciso uma

casa para cada pobre. Uma casa para cada trabalhador. Uma para cada funcionário. Uma para cada um. É preciso!

Nós estamos sendo actualmente procurados nesta remota terra de Paço de Sousa, por comissões de homens que desejam trabalhar neste sentido. Ontem foram de Espozende, de Braga, de Barcelos, Arouca, párcos à frente. Eles vêm aqui acender e levam o fogo para as suas terras. É a chama da Pátria!

Mas a fogueira vai ser no Porto! A presença dos Barredos. As barracas. Os que dormem sobre palha. Os dos sótão. Os dos portais. O mundo da beira-rio e outros pequenos mundos dentro da cidade, aonde o conforto é zero. A dignidade intrínseca desta gente. Os seus direitos a uma vida decente. Os esforços que fazem para a conseguir e os injustos impedimentos com que lutam. Tudo isto é material de construção... A Câmara deu nos terrenos. O Ministro do Interior assinou. A população aplaude. Os pobres vão ser servidos. Deus vai ser mais conhecido. Quantas casas! Quantas delas!

Colectividades, Organizações, Empresas, Companhias, Particulares. Até mesmo aqueles que têm levado a vida inteira a estudar de como construir por mais alto, por mais largo e por mais fundo; até esses, digo, se vão arrepender de ter esquecido a situação dos Pobres — e dar!

## OS BANCOS

Havendo nós tomado a liberdade de chamar pelos Bancos do País em auxílio do *Património dos Pobres*, tivemos a suprema alegria de notar e agora de dizer, que três deles já responderam. Com este *eles* queremos dizer as Direcções. Os Ex.<sup>mos</sup> Directores. Os do Banco Espírito Santo, os do Banco Borges e os do Banco de Angola; isto segundo a ordem dos comunicados. Chamamos sim. É próprio dos fracos chamar pelos fortes e baseados neste princípio, guardamos a certeza de que a seu tempo e depois de conversar, os mais Bancos nos hão-de valer. Cada um sua casa.

Nós estamos determinados e desejamos fazer bem tanto aos ricos como aos pobres, cada um de sua maneira e consoante as suas necessidades, pois que ambos precisam. É necessário haver quem se levante e diga e afirme e convença. Parecendo que não, os chamados ricos precisam de dar. Precisam de se acreditar, ser amados. Precisam que os pobres tenham medo de os perder; que Deus os note. É preciso quem diga.

Ontem foi dia dum grande excursão à nossa aldeia; trinta e duas camionetas. Era tardinha. Nós estávamos na capela em acto de comunidade; os rapazes rezavam a cantar. No final fico eu sozinho de pé, frente ao Sacrário, posição de que muito gosto e aonde muito tenho aprendido. Nos degraus do altar é uma caixa de esmolas. Um estranho sobe e vem até junto de mim a soluçar. Traz na mão duas moedas de vinte e cinco tostões que lança no mealeheiro, enquanto diz por entre lágrimas, *tenho pena de ser pobre*.

## DOUTRINA

*Cada freguesia cuidar dos seus pobres*, tem de ser o programa de uma acção católica, actual e verdadeira. Corpo e alma.

Só o dom da Fortaleza é capaz de nos dar coragem para dizer que não a todos quantos racionalmente nos vêm procurar a esta casa de Paço de Sousa. Todos os dias. Dos concelhos de Valongo, Paredes, Paços de Ferreira, Lousada, Felgueiras, Marco de Canavezes. Sexos. Idades. Doenças. Tudo. Trazem cartas de recomendação, atestados das Juntas; mas muito mais do que isso, dizem as suas lágrimas, seus queixumes, dolorosas situações. A pobreza transformada em miséria! E' preciso muita coragem para os despedir sem nada. E nós fazemo-lo. Temos assim feito. Havemos de continuar, tomando por remédio esta dura actuação. Remédio social. Com isto, com este deliberado procedimento, os pobres passam recado, não voltam, fazem violência nas suas freguesias e assim se prepara o caminho de uma Organização: *cada freguesia cuidar dos seus pobres*.

A acção isolada de um pároco, não resulta e até lhe pode trazer dificuldades. Há os inevitáveis reparos. Pode ser até um escândalo...! Temos por isso de ir para uma ofensiva geral com instruções dos Superiores.

Não pode ser uma só diocese; uma acção combinada e estendida a todas, sim.

Não podem as instruções ser aplicadas da mesma sorte. A fórmula *cada freguesia cuide de seus pobres*, de maneira nenhuma implica que todas aonde ela se exerce o façam da mesma maneira. Pode até muito bem acontecer que nenhuma o faça igualmente, tal a diversidade de costumes, de gentes e de meios. Isto quanto aos orientadores.

Da parte dos orientados, nada temos que temer. Desde que os pobres de tal freguesia sintam o benefício de uma acção organizada, eles aceitam conselhos, e até, sendo preciso, imposições. Juntam-se no mesmo ponto, o desejo de servir e a vontade de ser servido. Apagam-se as divergências. A justiça abre caminho e convence. Até os mendigos profissionais hão-de achar dentro de si a razão para deixar tal modo de vida. Sabemos que, a prática, tem de ser a princípio, um bocadinho mais difícil do que traçar as linhas aqui; há-de ser, sim. Mas gostaria que na volta me dissessem aonde os novos e sãos empreendimentos sem o sacrificio dos empreendedores? As sementeiras são sempre mais duras do que as colheitas. Nós vamos agora semear o que outros hão-de vir mais tarde a colher; *para que assim os que semearam e os que colhem juntamente se regozigem*, como ensina o Santo Evangelho.

Vem agora naturalmente a grande dificuldade. Os meios. As fontes. *Aonde havemos de ir buscar pão para dar de comer a tanta gente?* Perguntavam os discípulos ao Mestre. Ora esta grande dificuldade, que mete medo aos preguiçosos, só existe porque não temos fé. Deus não a põe nem impõe. Somos nós que, além dos pés, também queremos pôr os olhos no chão.

Por isso é dentro de cada uma das freguesias que se vai buscar aos que têm, o sustento dos que precisam. Ninguém é capaz de calcular a força da generosidade que Deus implanta nos corações! Os tosões multiplicam-se. Os punhados fazem alqueires. A notícia do que se faz na outra freguesia, levanta o brío desta. Acende-se o bairrismo. Os ausentes, não ficam quietos nas terras aonde ganham o pão e sentem desejos de repartir com os da sua aldeia. Porquê? Por amor da Organização. Vamos para ela.

domínios da *loucura*, eu quero, ainda, ser o Missionário deles, pedindo a Deus que prove e dilacere os mais endurecidos com um sinal; calamidades, feridas, qualquer acidente doloroso que os leve a tomar pulso à vida e amar a verdadeira riqueza.

Quantas vezes a hora da Graça não vem na figura de uma desgraça, quanta?!

Sim; os ricos precisam de se acreditar, ser pelos fracos, sentir com eles. Chamar quem os ajude e ajudá los.

Eu quero ser, por bem, o Missionário dos ricos, não com lisonjas, mas pela Verdade. Pregarei Cristo vivo como o Salvador da alma e não dos seus bens. Dizer lhes que não têm parte no Reino, se agora não repartem.

E se for preciso ir mais alto, implorar eficazmente, entrar nos

## O NOSSO JORNAL

## Isto é a Casa do Gaiato

Eu mesmo não sei dizer se tem sido por descuido, por desleixo, por incapacidade, insuficiência, ou se por isto tudo. Culpa nossa sei que tem sido e disso nos confessamos. E' que nós não fazemos cobrança e não temos mandado aviso dos débitos em atraso. Nunca fizemos tal. Porém, aqui há obra de três meses, eu perguntei ao Avelino como iam as fichas e disse que seria melhor collocarmos em dia Avelino informa que eram milhares e milhares e milhares por cobrar. Júlio vai e imprime postais com dizeres seus e dá-se a um a obrigação de percorrer o ficheiro e mandar seu postal a cada atrazado. Dois anos. Três anos. Quatro anos. Alguns desde o incio! São em média de duzentos por dia os postais que ainda hoje estamos expedindo e é precisamente a este ponto que eu quero chegar.

Quero chegar, para dizer que os assinantes tinham todos obrigação de não fazer caso. De não responder. De não pagar. Na verdade, não falta boa imprensa. Não faltam bons jornais. Bons quinzenários. O'ptimas revistas, tudo com sua organização de recibos em dia, cobrança à porta, explicações, facilidades. Desta forma, eles, quero dizer, os nossos assinantes, por bem servidos e bem avisados, deveria cada um deles deixar o Gaiato. E agora é que vem o meu espanto: todos respondem a dizer que sim! E' tão diminuta a percentagem negativa, que aquele *todos* fica bem e não foge à verdade. Outro espanto meu é ter e tomar sentido no que dizem as cartas com os vales e os cheques. Desculpam-nos pedindo-nos desculpa! Isto da América do Norte. Isto da América do Sul. Isto do Oriente e do Ocidente e de toda a parte do mundo aonde os assinantes são. Simplesmente espantoso!

Que nós prometemos melhorar os nossos serviços. Já o teríamos feito, se não fora ter acontecido desejar ir para a África, o rapaz que eu destino para obrigações de responsabilidade na Administração do jornal. Já se foram dois destes. Não os perdemos evidentemente, mas fazem-nos falta e nós faltamos aos nossos assinantes. Eu peço confiança e paciência. Os que já têm pago, basta dizer uma palavra e nós acreditamos e creditamos.

Algumas daquelas cartas são impressionantes, que a gente não se furta e dá delias à estampa:

«Não é tanto a pagar uma assinatura que a si me dirijo, mas, sobretudo a agradecer-lhe sinceramente as emocionantes lições de teologia e pedagogia práticas que, através das colunas de «O Gaiato», me tem dado. São lições vivas e vividas que entram e nunca mais esquecem e ficam a produzir frutos nas almas e por fora, admiráveis generosidades e tantas iniciativas cristãs sociais de que Portugal estava a carecer. Não admira: é o Senhor dos pobres que fala às multidões pelo Gaiato.

Oxalá o nobre «desordeiro» chegue depressa a todos os lares

da nossa terra. No meu ambito restricto, faço o que posso nesse sentido, convencido como estou de que o jornal, pregando o amor a Cristo vivo nos pobres e nos sem ninguém, é e será um dos melhores fermentos do catolicismo autêntico de que hoje em dia há tanta falta por parte de muitos católicos só nas estatísticas officiais. Esses os meus votos quanto ao Gaiato, e assim para toda a obra divina e seus cooperadores.

Até aqui eu. Agora alguém que é meu amigo e desta vez me dá trinta para pagar a minha assinatura e mais vinte de que estou encarregado de dar o destino, e que por isso aqui vão para o mais necessitado dos pobres do Barredo.

Esse alguém escreveu-me há dias o seguinte: «Não tenho ambições pelas coisas deste mundo, serei benévolo no que puder e auxiliarei as pessoas que vejo precisas. Não é um vencido da vida, mas um conquistado pelo Gaiato! Para ele e para mim peço orações».

Outra:

«Sou formada em letras e professora official dos liceus; vou, pois, procurando cumprir, com enormes deficiências da minha parte, a minha tarefa de educadora.

Por isso compreende como seriam balofas e convencionais todos os adjectivos e subtilezas de estilo com que eu aproveitasse esta oportunidade para me referir à obra. Mas não quero deixar de exprimir a minha modesta homenagem à maior lição de Pedagogia da minha vida, homenagem que consiste em adesão directa e simples pensamento e do coração, e da qual, portanto, quero banir, por indigno, tudo o que seja «literatura» e «estilo» Deus o abençoe—é o melhor que sei dizer».

Não é novidade, porque muitas vezes aqui o temos revelado, que se contam por uma centena e mais, as cartas e valores declarados recebidos diariamente em Paço de Sousa, sem contar o que vai ter às casas de Miranda e do Tojal. Cem cartas! Ora não sendo nós uma empresa nem nada de caracter comercial, temos que é muito certa e muito actual aquela célebre conversa entre Jesus de Nazaré e Nicodemos, aonde ficou assente a primazia do Espiritual e a caducidade do mais. Não é um vencido da vida mas um conquistado pelo Gaiato. Eis aqui a razão pela qual nos desculpam hoje e esperam amanhã melhoria dos serviços de expedição.

UM LIVRO EXTRAORDINARIO QUE DEVEM ADQUIRIR

«O BARREDO»

Pedidos à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato  
Paço de Sousa

N. B.—Para esclarecimento do público informamos que esta edição não se vende nas librerias do país. É um exclusivo da nossa Obra.

\*\*\* Recebeu-se um postal no Lar do Porto, dirigido ao Sucessor do Carlos, que dizia assim:

«Sucessor do Carlos.

Se o Rufino não tiver feito diabruras que mereçam castigo, deixe-o vir almoçar comigo, no próximo domingo, 17.

E' que... ele tem um grilo para me oferecer... Agradeço.

Cumprimentos ao Sr. P.º Américo e saúde para tod. s.

Amigo da Casa do Gaiato»

Estas quatro regras são um mar de ensinamentos. Em primeiro lugar, vamos ao senhor que escreve, amigo da Casa do Gaiato. Ele manda o postal para a rua Heróis de Chaves.

Não assina mudanças fáceis. Não destrona. Em segundo lugar, dirige-se ao Sucessor do Carlos. Anda a par da nossa vida. Sabe da ida do chefe do Lar para África e supõe natural ter um sucessor. Confessa a perenidade da Obra. Ama a disciplina—se o Rufino não tiver feito diabruras... E depois, o grilo. O grilo!

Em lugar de retratos dos grandes benfeitores que costumam ornar gazetas beneficiadas, eu queria dar aqui a fotografia de um grilo. Deste grilo que o Rufino deve ter encomendado a um seu irmão de Paço de Sousa. Deste grilo que o comissionado deve ter ido tirar do buraco com uma palheira por uma tarde de Maio formoso, entre flores de giestas. Deste mesmo grilo, objecto de contatos inocentes e importantes. Sim. Havia de o pôr no rosto de O Gaiato, como o primeiro e maior benfeitor das nossas comunidades. Um grilo!

Quem será este senhor, amigo da Casa do Gaiato! Como eu o amo, mesmo sem o conhecer!

Mas não há linda sem senão; nem lindo. Eu tenho que dizer do Rufino. É o relógio. Relógio de pulso. Foi o caso que, tendo ele recebido por prenda de anos um lindo relógio, eu mandei-o pôr no cofre.

× O oferente não gostou. O rapaz não me larga. Eu não fiz caso e a coisa esqueceu. Mas acontece que hj Carlos entregou a gerencia da casa ao seu sucessor. O Rufino apresenta-se e levanta a questão. Que já tem punho e que já tem juizo e jura que o não abrirá. Oço e mando entregar. Dias depois, no Porto, estando eu dentro do Miris na rua de Santa Catarina, Rufino vem-me cumprimentar. Note a falta do relógio e pergunto por ele. Estava no relojoeiro...

\*\*\* Pombinha vem-me recomendar que me não esqueça eu de trazer queijo quando for ao Porto. Vê-me sair esta manhã e justamente ao entrar no carro, Pombinha grita do cimo das escadas: olhe o queijo. Apenas chegado, já vem Pombinha; trouxel T. rino a dizer que não há linda sem serão. Não é só por minha causa que o Pombinha quer o queijo...

\*\*\* Agora por grilos, é raro um que não traga consigo uma caixota e esta com muitos buracos e dentro um rói de grilos. Eles só os pousam enquanto nas obrigações, que no mais, não os largam. É no refeitório, é na capela, é nos dormitórios. Grilos! Ontem, Júlio e Avelino, que moram na casa três, vieram se queixar. Tinham sido importunados durante a noite por um a quem os grilos fugiram, e esse um bateu-lhes à porta, a perguntar se os ditos lá estavam, O que vale é que tudo isto tem a sua temporada. Depois vêm... outras coisas!

\*\*\* A par dos grilos, temos os ninhos e, o que é muito pior,—os passarinhos. Não é raro subirem aos meus aposentos grupos dos mais pequenos, com passarinhos na mão. Eles vêm acesos; trazem a vida aberta nas mãozitas. Não cabem em si de alegria. E aqui de cima, na varanda da casa-mãe, abrem e deixam voar. Eu gosto. Eu tomo parte. Os passarinhos são a prova dos laços que nos ligam. Laços de confiança; de muita amizade. Eles, os batatas, podiam muito bem ir ter com as senhoras, com os seus professores, com os seus companheiros mais velhos, com o Sejaquim. Tanto a quem ir! Mas não. Sobem e estão aonde a mim. Bendito seja o Senhor Deus de Israel!

## AS NOSSAS EDIÇÕES

Eu vou revelar. Deu-se com o derradeiro livro,—O Barredo. Um senhor de algures escreve e diz que leu e releu. Não elogia a matéria. Não elogia a forma. Não ralha. Não culpa nem se dá seu pa. Manda um cheque e acabou! Se me não tivesse proposto, desde o principio, guardar silêncio, agora havia de falar, por causa da lição. Que Ele é Mestre já o sabe; contam-se por mais de mil os seus discípulos, hoje lançados na vida. Mas tal e tanto, não!

## AGORA

Os Empregados da «Chenop»; a gente do costume, como a carta o diz, continuam a carregar material para a casa d'Eles—230\$. Pedra por pedral Negrelos vai com 50\$. Vila Real também. Casaldelo leva na mão 200\$. O Porto, 50\$. Também aqui vão os Agricultores do Chimoio com uma casa! O Grémio dos Produtores de Cereais de Vila Pery, é que se encarregou da remessa. Será a Casa dos Agricultores de Chimoio. Desta sorte, vai a procissão enriquecida com preciosa colectividade; os homens que dão de comer. Oxalá eles tenham hoje as facilidades que merecem e que Chimoio possa dar pão a milhões.

Ninguém falte à nossa festa no Coliseu do Porto em 18 de Junho! Os bilhetes vendem-se no Espelho da Moda, R. dos Clérigos 54 e nas bilheteiras do Coliseu.

